

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVI



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2018.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLVI

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/00000>

Nelson Mandela: Abrindo caminho para uma nova África

MANUEL PORTO

1. É um privilégio enorme ter a possibilidade de participar nesta sessão da Academia das Ciências de Lisboa, lembrando uma das maiores personalidades do século XX.

Trata-se de tarefa bem difícil, não podendo as minhas modestas palavras exprimir em toda a dimensão a sua enorme grandeza, muito longe disso; e ficando mal no cotejo com o brilho de quem tem falado e vai falar sobre Nelson Mandela, designadamente nesta casa, já numa sessão que teve lugar há dez anos, e hoje, na sessão que está a decorrer.

Nas intervenções feitas ficou já bem sublinhada a superioridade moral de um homem que, na defesa de condições de igualdade entre os homens, sofreu as agruras de uma perseguição que se traduziu designadamente em 27 anos de uma violenta prisão; não tendo, todavia, guardado ressentimentos, ficando para a história a visita que, depois de libertado, fez ao seu carcereiro.

Tendo sido designadamente bem sublinhado o valor do seu testemunho de vida, nesta minha intervenção vou procurar lembrar alguns contributos de Mandela sobre os caminhos a seguir, face aos desafios do presente e do futuro; em particular desafios ao seu país e ao continente africano.

2. Trata-se de contributos que é muito importante ter presentes no século XXI, quando o continente africano não pode deixar de merecer uma atenção muito particular: estando aqui grande parte dos países mais pobres do mundo (29 dos 36 países mais pobres), num continente em que é impressionante a previsão de aumento da população nas próximas décadas, sem paralelo em nenhum outro continente; sendo por isso indispensável que com todo o realismo comessem a ser seguidas e venham a ser seguidas políticas corretas.

Olhando para os números, constata-se que tem havido uma duplicação da população em cada 25 anos. Tendo agora 1.200 milhões de habitantes (quando o

mundo tem 7.300 milhões), prevê-se que tenha, em 2050, 2.500 milhões e, em 2100, 4.400 milhões.

Assim acontecerá quando a população da Europa estará a diminuir, de 700 milhões agora para 640 milhões, em 2100, com a América Latina a passar de 600 milhões para 700 milhões entre os mesmos anos, a América do Norte a passar de 300 para 500 milhões e a Ásia de 4.400 para 4.800 milhões¹.

Constata-se, pois, que, em 2100, a população da Ásia, hoje claramente a mais numerosa, não estará muito acima da que é estimada para a África, que passará a representar cerca de 40% da população mundial, que se prevê será então de 11.200 milhões de habitantes.

E tal acontecerá num quadro em que o crescimento económico de muitos países africanos está bem longe dos crescimentos ocorridos em outros espaços do mundo, designadamente na Ásia, com a China e a Índia a ter, desde há décadas, crescimentos muito sensíveis (com a Índia a ter, em 2018, um crescimento mesmo maior, de 7,4 %, quando a China cresceu 6,6 %), com a previsão de que tenham, em 2040, 45,7 % do PIB mundial. Mesmo com a crise atual, em 2020, quando se verificam crescimentos negativos nos países mais ricos do Ocidente, nos Estados Unidos e na Europa, depois de alguma quebra esses dois países asiáticos estão a ter já algum crescimento, verificando-se, por isso, uma aproximação mais rápida dessas economias às economias mais ricas do mundo.

Está, pois, em causa um enorme desafio para a África, o desafio de se seguirem políticas corretas e eficazes de desenvolvimento; um desafio que, aliás, muito interessa também a outras áreas do mundo, para que não haja indesejados fluxos imigratórios, com as dimensões e as concentrações geográficas em que estão a verificar-se em alguns casos, e tendo os países mais desenvolvidos o benefício de se ampliarem dessa forma oportunidades de mercado para as suas exportações.

Trata-se de desafio a que são obviamente chamados todos os 54 países do continente africano, do Cairo ao Cabo, mas onde, sem estar em causa o enorme relevo dos demais (como é o caso dos países lusófonos!), a África do Sul, com as suas potencialidades, justifica uma atenção própria, no seu interesse e no interesse do conjunto africano.

¹ cfr. Comissão Europeia, 2017, pp.11-3.

E assim acontece, julgo que é bem correto dizê-lo, devido ao caminho de abertura que ficamos a dever a Nelson Mandela, com implicações e um reconhecimento que de outra forma não teriam tido de forma alguma o mesmo relevo.

Estou a lembrar-me, a este propósito (sendo um caso concreto mas relevante), da inclusão da África do Sul na prestigiosa e “promotora” categoria dos BRICS, algo não pensável sem o processo de abertura que ficou a dever-se a Mandela. Trata-se de inclusão não verificada na primeira escolha de Jim O’Neil, feita em 2001, no seu livro *Building Better Global Economic BRIC’s*, tendo sido então escolhidos, como é bem conhecido, o Brasil, a Rússia, a Índia e a China, com a África do Sul a não ser incluída dada sua menor dimensão face aos demais. Mas foi já incluída no livro de 2011 (*The Growth Map: Economic opportunity in the BRIC’s and beyond*), como quinto BRICS (com o S do final, um S em letra maiúscula, a ser, não a designação do plural em relação aos quatro já considerados, por isso um s em letra minúscula, mas a primeira letra de South Africa).

A inclusão da prestigiada África do Sul nos BRICS, num processo de afirmação do país em que não pode desconhecer-se, pois o relevo de Mandela constitui, sem dúvida, a par de muitos outros fatores, um fator de promoção de África que todos os demais países julgarão também como desejável. A partir deste momento, a par de países da América, da Europa de Leste e da Ásia, passa a estar neste grupo, que tem tido tanta promoção, também um país do continente africano.

A “distinção” dos atuais cinco BRICS não põe naturalmente em causa o reconhecimento de outros casos de sucesso (ver, por exemplo, Parag Khanna, 2009, ao escrever sobre *O Segundo Mundo. Como as Potências Emergentes estão a Redefinir a Concorrência Global no Século XXI*); com as perspetivas favoráveis da África a ser sublinhadas numa rica literatura que tem vindo a lume, podendo lembrar-se, também apenas a título de exemplo e com títulos bem significativos, o livro de Vijay Mahajan, *Africa Rising. How 900 Million African Consumers offer more than you think* (2011/13) e o livro de Duncan Clarke, *Africa’s Future. Darkness to Destiny...* (2013) (ver também Gordon e Gordon, 2013 e recentemente entre nós Roque, 2019).

É neste quadro que tem de ser considerado o papel da África do Sul, em particular com os caminhos que vieram na sequência da palavra e da ação de Nelson Mandela.

3. E aqui, por razões de diferentes naturezas, designadamente por razões éticas, é de dar um relevo primordial ao contributo decisivo que deu para que houvesse neste país uma sociedade em que todos os cidadãos estejam devidamente integrados e participantes no processo em curso, independentemente de qualquer diferença étnica ou de outra natureza.

Palavras de Mandela proferidas em 1964² não podiam ter sido mais expressivas: “Lutei contra a dominação branca, e lutei contra a dominação negra”; acrescentando que

prezei muito o ideal de uma sociedade livre e democrática, em que as pessoas vivam juntas em harmonia e oportunidades iguais. É um ideal para o qual espero viver e tenho esperanças de realizar. Mas, se preciso for, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer (p. 236)

De um modo mais concretizado, sublinhou noutra ocasião, em 1978³ que é verdade que a revolução da África do Sul só será vitoriosa se os africanos assumirem a liderança e as massas africanas estiverem totalmente mobilizadas. Mas a verdadeira história da nossa luta mostra que a luta contra a opressão racial não é monopólio do homem negro.(p. 238).

É depois ainda bem expressivo, em 1992, sublinhando⁴, para afastar dúvidas, que

“África para os africanos” não teve uma conotação racial... Não significou que os brancos que se tinham instalado em África tinham de ser expulsos, não. Significou que o sistema colonial tinha de acabar. (p. 23)

Mostra assim a sua grandeza, não aceitando que ao domínio de uma força étnica se substituísse o domínio de outra força étnica (à qual pertencia...). Não o

² No banco dos réus aquando do Julgamento de Rivonia, no Palácio de Justiça de Pretória, no dia 20 de abril desse ano (a generalidade das referências que vamos fazer a seguir, sem a menção de outra fonte, são de Nelson R. Mandela e The Nelson Mandela Foundation, *As Palavras de Nelson Mandela*, 2012; com a menção de se tratar da “única recolha autorizada das citações mais inspiradoras e relevantes de Nelson Mandela”).

³ Num ensaio intitulado “Whither the black consciousness movement”, escrito na prisão de Robben Island.

⁴ Numa conversa com Richard Stengler, no dia 21 de dezembro.

aceitava por uma questão de princípio, num mundo de igualdade entre os homens. Mas assim deverá acontecer numa sociedade em que faz falta o contributo de todos, com as suas competências, sendo um “empobrecimento” inaceitável não aproveitar o contributo valioso de pessoas de uma etnia entretanto afastada do poder.

Põe-se também nestes dois planos, no plano ético e no plano do desenvolvimento do país, o relevo dado por Nelson Mandela à formação das pessoas, com uma educação generalizada e aprofundada: propósito que foi sublinhando ao longo da sua vida.

Já em 1953 é bem claro afirmando⁵ a sua

firme convicção nos princípios enunciados na Declaração Universal dos Direitos Humanos de que todos têm direito à educação: que a educação será dirigida ao completo desenvolvimento da personalidade humana e ao fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais. (p. 158)

Tendo sublinhado em vários passos da sua vida o relevo que importa dar à educação como forma básica de realização das pessoas, é bem curioso um apelo feito em 1990⁶: “Se há um apelo que eu faça, é que os jovens chamem a si assegurar que recebem a melhor educação possível para que nos possam representar bem no futuro, enquanto futuros líderes”. (p. 159)

E é também expressiva a afirmação sua de que “a educação é a ferramenta mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo”⁷.

4. É por seu turno muito interessante ter em conta, evidenciando mais uma vez, se necessário fora, a grandeza e a abertura de Nelson Mandela, as posições que foi tomando em relação ao modelo político e socioeconómico a seguir no seu país.

Em relação ao Partido Comunista, é muito claro o reconhecimento pelo apoio proporcionado: afirmando, em 1990⁸, que “a aliança com o Partido Comunista

⁵ Num discurso ao Congresso do ANC do Transvaal, discurso referenciado como “No easy walk to freedom”, pronunciado no dia 21 de setembro.

⁶ Num documentário intitulado “Mandela in America”.

⁷ cfr. Mateus, 2014, p. 259.

⁸ Numa conversa em casa, no Soweto, no dia 14 de fevereiro.

existiu desde os princípios dos anos vinte e é muito simples: quando se tem um inimigo comum, procuram-se aliados” (p. 109)

Mas no mesmo ano, de 1990, e num outro contexto⁹, depois de afirmar que “o ANC não é um partido comunista”, acrescenta que

enquanto defensor da democracia, lutou e continuará a lutar pelo direito do Partido Comunista à existência. Enquanto movimento de libertação nacional, o ANC não tem mandato para adotar uma ideologia marxista. Mas, enquanto movimento democrático, enquanto parlamento do povo do nosso país, o ANC tem defendido o direito de qualquer sul-africano de aderir à ideologia marxista, se for esse o seu desejo (p. 109).

E é de dar um especial relevo a esta posição face à experiência, verificada em África e em outros continentes, de partidos comunistas que, tendo chegado ao poder, não admitirem outros partidos nem outros direitos democráticos.

É por seu turno muito interessante a evolução verificada em Nelson Mandela em relação à participação da sociedade civil na economia, em particular em relação às nacionalizações: com alguma mudança de opinião tendo em conta a realidade que foi observando.

Curiosamente, começa por considerar as nacionalizações como uma necessidade para se ir buscar dinheiro, perguntando em 1990¹⁰, “onde iremos buscar o capital para o desenvolvimento, para melhorar as condições de vida do povo, se não nacionalizarmos?” (p. 45)

Mas acrescenta que “não decidimos nacionalizar toda a economia do país; a economia deste país vai ficar exatamente na mesma, exceto nos setores que mencionámos, como as minas, as instituições financeiras e as indústrias monopolistas, mais nada”. (p. 46)

E numa intervenção nesse mesmo ano (1990)¹¹ sublinha que “é errada a opinião de que as únicas palavras do vocabulário económico conhecidas do ANC são nacionalizações e redistribuição. Há muitos problemas que teremos de considerar quando discutirmos a questão da democratização e a eliminação do

⁹ No comício de relançamento do Partido Comunista da África do Sul, no dia 29 de julho.

¹⁰ Na já referida conversa em casa, no dia 14 de fevereiro, no Soweto.

¹¹ Numa conferência organizada pelo Consultative Business Movement sobre “Options for building an economic future”.

racismo no poder económico”, não “tendo, pois, o ANC posições ideológicas que ditem que se deva adotar uma política de nacionalizações”. (pp. 46-7)

Compreende-se que em tal posição devesse ter-se presente o quadro de abertura em que a África do Sul não pode deixar de atuar; não podendo ser mais claro com a afirmação, em 1993¹², de que “o importante é compreendermos que não nos vai ser possível atrair investimento estrangeiro, nem do próprio país, se houver perigo de confisco das propriedades das pessoas”; sendo “agora claríssimo que, no mundo inteiro, a nacionalização não é uma palavra popular”... (p. 47)

A abertura de espírito de Mandela a estes propósitos, não ficando agarrado a ideias feitas, pelo contrário, evoluindo no modo de ver as coisas face às realidades que foi observando, está depois bem expressada num texto seu de 2003. Tendo recordado, ainda em 1993¹³, que “na África do Sul havia já uma reação de fúria à afirmação que fiz da prisão, em que disse que a nacionalização fazia parte da nossa política”, numa comunicação de 2003¹⁴ refere o percurso que foi percorrendo: “Quando fui libertado, anunciei a minha fé na nacionalização enquanto pedra angular da nossa política económica”. Mas “à medida que viajei pelo mundo e ouvi os maiores empresários e economistas sobre a forma de desenvolver uma economia, fui persuadido e fiquei convencido com o mercado livre. A questão é como harmonizar essas exigências do mercado livre com os candentes problemas sociais do mundo”. (p. 47)

5. Uma outra área em que é de sublinhar o relevo de Nelson Mandela, também aqui na palavra e na ação, é em relação ao papel da África, temática com um relevo acrescido no mundo globalizado em que vamos viver no século XXI, com os números referidos atrás.

É aliás interessante recordar o modo como África o marcou, em 1962, imediatamente antes dos anos de opressão a que foi sujeito, com um “périplo do Continente” a causar-lhe “uma poderosa impressão”:

Pela primeira vez na minha vida fui um homem livre: livre da opressão branca, da idiotia do apartheid e da arrogância racial, da perseguição policial, da humilhação e da indignidade. Em toda a parte fui tratado como um ser humano. (p. 22)

¹² Numa entrevista à BBC.

¹³ Numa conversa com Richard Stengel, no dia 22 de abril.

¹⁴ No “Milton S. Eisenhower Symposium” que teve lugar na Johns Hopkins University no dia 12 de novembro.

Face aos desafios que se levantam, num continente caraterizado pela escassez impressionante de relações económicas e de outras naturezas entre os países membros (são quase todas com países de outros continentes, só cerca de 10% do comércio é com outros países de África: cfr. Porto, 2017, p. 563¹⁵), já em 1977 Nelson Mandela definiu com clareza uma visão estratégica para a transformação de África no contexto da globalização. Nas suas palavras, “num período de grande interdependência de nações e de crescente importância dos blocos regionais na economia global, nenhuma nação de África poderá prosperar isolada dos seus vizinhos”; precisando “(i) de uma abordagem regional comum para enfrentarmos os desafios do desenvolvimento; e (ii) de uma voz coletiva para sermos ouvidos e respeitados nos fóruns económicos mundiais”¹⁶.

Mas neste contexto é especialmente expressivo o modo como, em 1992, julga dever verificar-se uma maior aproximação africana, com um grande realismo, face à diversidade das realidades existentes:

“Unidade, sabe, desde o Cabo até ao Cairo”, que foi — sempre foi — um sonho, e desde Marrocos a Madagáscar. Quando queriam dizer um governo, eu rejeitei isso desde o início. Quando falavam de uma organização pan-africana que pudesse coordenar os esforços de diferentes governos — isso eu apoiei. Mas, o conceito de um governo único, achei ridículo. (p. 23)

Neste quadro é depois curioso o que diz, em 1995, numa frase de especial encanto (sendo aliás de ter em conta que há em África vários movimentos de integração regional, com alguns países a fazer parte de mais do que um desses espaços...¹⁷):

Tal como a árvore só floresce com cuidados e atenção, também os nossos países e a nossa região irão florescer e crescer, de capacidade em capacidade, se nos preocuparmos e trabalharmos muito. À medida que esta árvore se dirige ao céu, que ela nos

¹⁵ Referindo Cunha, 2019, p. 1153, acordos que desejavelmente têm vindo a ser celebrados entre blocos regionais de África e a União Europeia.

¹⁶ cfr. Roque, 2019, p. 133, e ver já Trindade, 2006.

¹⁷ Ver, por exemplo, Trindade, 2006, pp. 33-65, e Porto, 2017, pp.561-2.

encoraje sempre a visar cada vez mais alto, ao enfrentar novos desafios que se nos deparam. À medida que os seus ramos se alargam, possa a cooperação entre nós alargar-se e abarcar toda a nossa região e o nosso continente de África. (p. 24)

E no ano seguinte (1996) faz uma afirmação de confiança em África que não pode deixar de ser motivadora, mesmo para quem não é deste continente:

O povo do Continente está ansioso e determinado em situar-se entre os melhores em todas as áreas de atividade. Tem razão em escarnecer qualquer sugestão de que deve ser julgado por padrões mais baixos, como se fosse sub-humano. Merece e luta por uma condição que possa ser considerada uma vida melhor: na condução da política, nas liberdades de que desfruta, nas condições sociais em que vive, no ambiente em que habita. (p. 24)

Assim deverá acontecer na concretização do que afirma serem dois “sonhos” seus: sonhar “com uma África em paz consigo mesma” e sonhar “com a concretização da unidade de África onde os seus líderes combinem esforços para resolver os problemas do continente”¹⁸.

6. Estamos a lembrar, pois, uma pessoa que não se limitará a ficar na história, estando bem presente nos caminhos a seguir no século que estamos agora a percorrer.

Nunca poderá ser esquecido, como se sublinhou no início, o testemunho que deu durante mais de duas dezenas e meia de anos de cárcere, testemunho que foi bem importante para que no seu país se saísse de uma situação insustentável, contribuindo, aliás, assim, para que situações da mesma índole deixassem de verificar-se ou não tenham chegado a verificar-se em outros países.

Mas a par disso vale a pena sublinhar o modo como, pela sua palavra e pela sua ação política, foi apontando para caminhos corretos a seguir, no aprofundamento de procedimentos democráticos e de máximo aproveitamento das potencialidades da economia, com o indispensável e enriquecedor contributo dos cidadãos, mais estreitamente ligados assim ao processo social.

¹⁸ cfr. Mateus, 2014, p.256.

E como procurámos sublinhar é de ter bem presente ainda, a par naturalmente de muitos outros contributos, a sua preocupação pelo processo de desenvolvimento de África.

Não estando em causa o contributo indispensável de cada país, designadamente da África do Sul, um dos atores principais do continente africano, Nelson Mandela é bem expressivo chamando a atenção para a necessidade de congregação de esforços neste continente, articulada aliás com uma indispensável estreita ligação entre todos os espaços do mundo.

E não pode deixar de impressionar a confiança expressada no futuro do seu continente, motivadora para todos os que, a qualquer título, são chamados a participar num processo de desenvolvimento.

É, pois, um homem raro, mesmo único, o homem que estamos aqui a lembrar!

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO COLÓQUIO DE HOMENAGEM A NELSON MANDELA
NA SESSÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 2018)

BIBLIOGRAFIA

- Clarke, D., *Africa's Future. Darkness to Destiny. How the past is shaping Africa's economic evolution*, Profile Books, Londres, 2013.
- Comissão Europeia, *Documento de Reflexão Controlar a Globalização*, COM (2017) 240 final, de 10.5.2017.
- Cunha, L. P., *A União Europeia e os Acordos de Integração Regional. Conceitos, Problemas e Situação Atual*, em *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, vol. XCV, Tomo II, 2019, pp. 1131-60.
- Gordon, A. A. e Gordon, D. L. (ed.), *Understanding Contemporary Africa*, 5ª ed., Lynne Rienner Publishers, Boulder (Colorado) e Londres, 2013.
- Khanna, P., *O Segundo Mundo. Como as Potências Emergentes estão a Redefinir a Concorrência Global no Século XX*, Editorial Presença, Lisboa, 2009.
- Mahajan, V., *O Despertar da África. 900 Milhões de Consumidores Africanos têm mais para dar do que se julga* (ed. Port.; ed. original de 2011), Actual/Grupo Almedina, Coimbra, 2013.
- Mandela, N., *Autobiografia de Nelson Mandela, um Longo Caminho para a Liberdade* (trad. Port., no original *Long Walk to Freedom*), 5ª ed., Planeta, Lisboa, 2016.
- Mateus, A., *Mandela, a Construção de um Homem* (Prefácio de António Vitorino e Posfácio de Graça Machel), 7ª ed. atualizada, Oficina do Livro, Alfragide, 2010.

-
- Nelson Mandela e The Nelson Mandela Foundation, “As Palavras de Nelson Mandela” (ed. port.), Objetiva, Carnaxide, 2012.
- O’Neil, J., *Building Better Global Economic BRIC’s*, Goldman Sachs Global Economics, Paper n. 66, Novembro de 2001.
- O’Neil, J., *The Growth Map: Economic opportunity in the BRIC’s and beyond*, Penguin, Londres, 2011.
- Porto, M., *Teoria da Integração e Políticas da União Europeia: Face aos Desafios da Globalização*, 5.^a ed., Almedina, Coimbra, 2017.
- Roque, F. M., *Uma Década de África. Um continente e os seus desafios actuais e futuros*, Texto, Lisboa, 2019.
- Trindade, A. J. P., *Desenvolvimento Económico, Integração Regional e Ajuda Externa em África*, Instituto Superior e Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, 2006.